

Capítulo 3.

A Amazónia brasileira em *O Instinto Supremo*: Clima, rios, vegetação e humanos no último romance de Ferreira de Castro

Ana Cristina CARVALHO
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (Cics.Nova),
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Nova de Lisboa
acristinacarvalho22@gmail.com

Resumo

Faz-se uma abordagem ecocrítica ao segundo romance castriano com cenário no sul da Amazónia brasileira. O tema central é a pacificação, movida pelos “civilizados” emissários do general Rondon, dos temíveis Parintintins, no início da década de 1920. Analisa-se em que medida o Clima Equatorial Húmido da Amazónia, fator natural abiótico, assumia papel determinante nos avanços hostis dos indígenas contra os outros habitantes da selva. Expõe-se ainda a influência do património natural amazónico, representado pelos rios Madeira e Maici-Mirim e pelo coberto florestal, na dinâmica eco-humana da selva, na sorte das personagens e na tessitura da história.

Palavras-chave: Ecocrítica. Ecologia Humana. Clima amazónico. Floresta amazónica. Índios Parintintins.

Abstract

This chapter addresses an ecocritical approach to the second Ferreira de Castro’s novels set on the south of the Brasilien Amazon. Its core subject was the pacification of the fearful Parintintin, undertaken by the General Rondon’s “civilized men” at the beginning of the 1920’s. We analyze to what extent the Amazon Equatorial Climate, a primary environmental factor, played a prevailing role in the native threats towards other Amazonian inhabitants. We also examine the Amazon heritage portrayed in this narrative, represented by the rivers Madeira and Maici-Mirim and by the vegetation, as well as its influence on the Human Ecology dynamics of the jungle, the characters’ fortune and the story’s construction.

Keywords: Ecocriticism. Human Ecology. Amazon Climate. Amazon rainforest. Indians Parintintin.

1. Introdução

São múltiplos os olhares analíticos possíveis de lançar sobre um texto ficcional. Um deles emana da Ecocrítica, que convoca a literatura de ficção para aprofundar o conhecimento dos lugares geográficos e seus recursos naturais e étnicos.

Embora os primeiros ecocríticos fossem seduzidos pela *nature writing* americana, o seu escopo analítico veio a incluir obras que retratam a Ecosfera e a sua marca humana – nem sempre equilibrada e pacífica, tantas vezes hostil e destrutiva. Há cerca de cinco décadas que eles decifram o papel da literatura no despertar e no reforço da consciência para os valores da Natureza e para temas ambientais que, às várias escalas geográficas, agitam o nosso tempo, ameaçando o futuro conjunto da Ecosfera e da Sociosfera. Vemos esta ideia em, por exemplo, *Beyond Nature Writing* (2001:2), obra de referência onde Armbruster e Wallace definem a visão ecocrítica como a que “takes the natural environment and human relations to the environment as its special focus”.

Apesar de faltarem estudos que objetivamente meçam o impacto destas obras na consciencialização dos leitores, parece natural que ele seja mais poderoso em textos ancorados numa geografia real. Esse realismo dá credibilidade à ficção, abona-lhe valor documental e permite ao ecocrítico uma assunção de verosimilhança para basear a sua análise.

Quase toda a obra ficcional de Ferreira de Castro cumpre este pressuposto. Isto não legitima apontar intuítos ecológicos a um ou mais dos doze títulos canónicos que publicou entre 1928 e 1974. Mas permite pesquisar, numa obra tão interpretada no século XX por eminentes teóricos da Literatura Portuguesa, um novo ângulo de significado, usando-o para cativar as atuais gerações de leitores. Esta perspetiva sintoniza-se com o ideário humanista e libertário do escritor, um pilar essencial da sua obra. E daí explora o efeito de uma escrita que, a par do desígnio político-social, vem imbuída de grande sensibilidade e conhecimento das dinâmicas da Natureza e dos povos, nos lugares que elegera para cenários.

A isto soma-se a atualidade dos temas castrianos. *O Instinto Supremo* (1968)⁶ é um bom exemplo, ao firmar alicerces na selva amazónica brasileira – um dos mais valiosos ecossistemas do mundo e, neste século XXI, um dos mais ameaçados pela ação antrópica.

⁶ *O Instinto Supremo* teve edição simultânea em Portugal e no Brasil, seguida da candidatura conjunta de Ferreira de Castro e Jorge Amado ao Prémio Nobel da Literatura de 1969, por iniciativa da União Brasileira de Escritores.

O romance, escrito para cumprir uma promessa ao lendário Cândido Rondon, é antecedido de um Pórtico, onde o autor recorda ter vivido na pele a inospitalidade daquele meio extremo, e como se documentou na bibliografia listada no final, entre outras fontes, para dramatizar eventos que não presenciou. Garante, assim, o molde realista do texto, povoado de heróis autênticos “em versão livre” interagindo com personagens fictícias.

Será então razoável admitir que *O Instinto Supremo* projeta um reflexo fiável das paisagens amazónicas e laços eco-humanos que nela existiam à época, naturalmente coados pela sensibilidade do autor. O que nos conduz à seguinte questão: Que pode fazer pela Amazónia de hoje este romance escrito há mais de meio século?

2. Sobre o autor, a sua ideologia e este romance de missão

Um filme contemporâneo sobre os meandros biográficos de Ferreira de Castro poderia abrir com a cena em que ele, aos cinquenta anos, aceita na sua morada de Lisboa uma encomenda oriunda do Brasil. Remetera-a o etnógrafo brasileiro Nunes Pereira, com uma porção de terra do “Paraíso”, o seringal amazónico ao qual o escritor sacrificara “muita da [sua] existência e muito mais ainda da [sua] alma”, lê-se no Pórtico de *O Instinto Supremo*.

Este preâmbulo em tom e de teor evocativos divulga aspetos da sua juventude vividos na selva, de onde escapou aos dezasseis anos, em 1914. Elementos naturais traçam o enquadramento local: os dois crótons floridos junto ao barracão, a presença do rio, o banco debruando a sapotilheira onde se sentava “para ler, sonhar e desesperar-[se] ante um futuro que [ele] desejaria sem limites e via sempre limitado pelas arribas do Madeira”.

O Paraíso, cuja sujeição à ira parintintim juntava o terror ao leque de amargas vivências dos seringueiros, é um marco geográfico e experiencial incontornável em Ferreira de Castro. Aí chegou aos doze anos, por via fluvial, sozinho, renegado de Belém por um parente. E aí o iniciaram na extração da borracha vegetal, até que uma imprevista combinação – a sua fragilidade física, uma infeção tropical e a escolaridade básica – lhe permitiu progredir de operário da mata a zelador dos livros de contas.

O seringal, com sua excentricidade geográfica, densidade vegetal e exotismos faunístico e étnico, foi um violento embate para o jovem imigrante, habituado à amenidade da paisagem beirã do interior do distrito de Aveiro, onde nasceu e viveu a infância. Evocações desse choque ambiental ressaltam deste Pórtico: “Eram o meu terror, esses índios” e “o pesado silêncio da mata só por si

me atemorizava intensamente.”

Com *O Instinto Supremo* se conclui a transposição para a escrita desse ‘mergulho’ amazónico, iniciada em 1930 com o mais autobiográfico romance castriano, *A Selva*. É consensual entre académicos do Brasil que ambos os títulos ocupam um lugar histórico na designada “Literatura amazónica” (Tupiassú, 2005 e Gondim, 2005).

O Instinto Supremo constitui a última bandeira publicada em vida da militância castriana por uma arte como resistência à injustiça social, fosse de magnitude local ou universal. Essa convicção desafia o leitor de tempos a tempos, salpicando o enredo por intermédio das figuras mais humildes. Num diálogo do Capítulo V (p.65), Jarbas transmite ao chefe de expedição inquietações globais: “Acha que o mundo está bem? Que a civilização é justa com toda a gente? [...] Se civilizarmos os índios agora, eles já vão ficando preparados para desejar um dia melhor.” Uma aspiração humana retomada mais tarde, no ataque dos Parintintins ao posto da missão, que este seringueiro observa da sua guarita, temendo pela vida: “Pensou que gostaria de viver aquele dia tão sonhado, em que se abrissem ao sol todas as portas e se anulassem todas as velhas servidões” (p.158).

Esta esperança num “dia melhor” é absolutamente basilar na personalidade castriana e inunda toda a obra. Mas, contrariamente ao que vemos noutras ficções, aqui evita protagonismo, cede espaço à mensagem nuclear: a pacificação dos Parintintins em moldes não repressivos ou autoritários. Rondon compreendia que a revolta destes pela presença dos brancos nos seus domínios os levasse a agir em defesa da própria sobrevivência. A sua carta aos homens que saem para a missão, no Capítulo II, sintetiza o âmago do romance. É notória a atualidade relativamente às problemáticas indígenas da Amazônia, do Brasil e da América de hoje (p.34):

Os índios são nossos irmãos, são mesmo os mais brasileiros dos brasileiros. O nosso sangue veio da Europa e da Ásia e começámos por ser estrangeiros, ao passo que o deles aqui se gerou e desenvolveu. Quando os portugueses chegaram, já esta pátria, que parece sem fim, tão grande é, pertencia aos índios [...]. Tomámos-lhes as terras, algumas vezes mesmo os brancos destruíram-lhes as malocas por essas clareiras fora, onde criavam os filhos e confiavam ao sol uma vida isenta de ambições [...].

A transcrição desta mensagem de filosofia humanista aplicada sugere que Ferreira de Castro partilhava do repúdio pela negação do direito dos índios à soberania sobre o seu património ancestral. Foi, portanto, esse o móbil deste

romance de homenagem à “grande figura moral do nosso tempo”, desaparecida em 1958, e à sua epopeia “ignorada do Mundo” e dos brasileiros – como consta do Pórtico.

O escritor pretendeu retratar um “heroísmo popular sem espadas, sem carabinas e sem sangue” – a “heroicidade anónima” dos seringueiros, no dizer de Amorim em *Ferreira de Castro e a Amazônia ou A Atração do Abismo* (1998:59). E fê-lo ao sabor do seu espírito genuinamente pacifista, inseparável da vocação humanista, a que Emery (1992) chamou “humanismo lusotropical”, e ambos, por sua vez, inerentes à sua visão universalista. Note-se esta numa carta de 1953: “Cada homem duma raça tem dos homens das outras raças [...] quase tudo”, ou em “Mensagem” (1956, em Alves, 1996:198), onde reafirmaria o seu amor pelo ser humano de “todas as latitudes”.

Neste sentido, este romance sobre uma missão pacificadora é ele próprio um romance “de missão”.

3. Sobre a história e os grupos humanos que nela entram

É em 1922, ano da pacificação dos Parintintins confiada a Cândido Rondon pelo Serviço de Proteção dos Índios brasileiro, que se fixa o tempo da intriga de *O Instinto Supremo*. Na época, diz o Pórtico, “as marchas punitivas contra os Parintintins, através da floresta cerrada e espinhosa, como se ela própria fosse uma discordância, haviam sido interditas nos seringais daquela área.”. A ação nuclear é esse avanço sob comando de Curt Nimuendajú, companheiro de Rondon e uma das personagens principais – indivíduo focado nos fins em causa, ríspido no trato mas defensor do bem-estar dos seus homens, que uma biliose tropical comum naquelas paragens acaba por arredar do final triunfante da história.

A equipa de vinte e três corajosos é recrutada maioritariamente entre os labutadores do seringal Três Casas, um dos locais reais desta ficção. Todos estão obrigados ao lema “Morrer, se necessário for; matar, nunca!” e a usar como únicas “armas” os pequenos brindes oriundos da “civilização” que durante meses espalham estrategicamente pela floresta. Note-se o detalhe descritivo, na página 23, da cena em que Amaro dispõe ao alcance dos Parintintins esses símbolos de boa-fé.

Um narrador omnipresente traça um retrato polimorfo da missão, construído entre o plano prático das dificuldades e conquistas, conflitos e doenças que abatiam os homens, e o plano íntimo de cada um, seus temores, esperanças e dilemas. Nem sempre a convicção de não-violência era inabalável. Perante a morte do incauto Eleutério, por exemplo, os homens vacilam, “perturbados pela

rotura do pacto entre o instinto de conservação e a ideia de solidariedade que os governara até há pouco” (p.133).

É atributo da escrita castriana dar voz a diferentes juízos sobre os seus temas-chave. Apesar de nesta obra o ponto de vista dominante ser o dos pacificadores, a causa indígena sobressai com frequência. Um exemplo é o diálogo entre Mangori, tradutor índio que se exprimia em “tom brasilíndio” (p. 220), e Garcia, substituto de Nimuendajú (p.219):

– Diz que ele e muitos outros querem fazer as pazes, mas desconfiam de nós, não querem perder as suas terras e nós somos maus.

– Lhe explique que não precisamos das terras deles para nada. [...]. Que isto se chama Brasil e que o Brasil é uma terra que parece não ter fim [...] Diga que a civilização tem muitas coisas bonitas [...]; e que nós queremos que eles tenham também essas coisas, para serem iguais a nós e a todos os outros homens [...].

Estas promessas de consumo e igualdade podiam ter objetivos ocultos, mesmo entre apoiantes da conciliação. É Nimuendajú quem, a dada altura, o admite: alguns donos de seringais queriam a paz “pelo amor dos índios”, mas também “para depois exportar a borracha daqui” (p.85). Razão teve Urbano T. Rodrigues (1998:82), quando viu neste “romance ecológico” (classificação sua) a defesa de “uma sociedade arcaica completamente ameaçada pela cupidez dos colonos.”

Uma cupidez longe de afetar o terceiro grupo humano que, tal como os seringueiros (brancos e nordestinos) e os indígenas, compunha etnicamente a selva amazónica: os caboclos, nativos mestiços de branco com índio, que viviam principalmente da pesca nos rios. Alguns integram a equipa missionária: “Velhos caboclos das beiras dos rios, dos igarapés e dos lagos, sem outras ambições que viverem em paz a sua vida humilde, de hábitos sedentários como as árvores [...], tinham ido de alma aberta pedir a Bonifácio que os contratasse.” (p.45)

Os pacificadores contactavam também com três tribos índias já “civilizadas” e alfabetizadas: os Guaranis de Araribá, os Nhambiquaras e os Mura-Piraás. A última tem um papel de apoio prático à missão. Findos oito dias de subida do selvagem rio Maici, a caravana aquática de Curt aporta a uma margem e vê como primeiro sinal de humanidade vestígios muras-piraás: “um velho batelão meio afundado, quatro canoas e várias pirogas índias, feitas de cascas de árvores”.

Mas são os Parintintins⁷ os protagonistas índios da história. A sua descrição física surge no Capítulo VIII, com o acampamento já erguido no limiar do território inimigo: “Os homens enxergavam, enfim, os Parintintins. [...]. Baixos, espadaúdos, pintados de negro, sua cor de guerra, na cabeça um diadema de plumas, as maiores pendentes sobre as costas, em ramalhetes multicolor, eles pulavam e batiam furiosamente com os pés no chão, prosseguindo nos gritos bélicos” (p.144). Estes índios de “cabelo muito preto, os pomos das faces salientes, peitos quase de atleta, [...] uma força secreta muito dona de si, uma rudez altaneira”, distinguem-se por “órgãos genitais escondidos dentro de folhas de arumã, enroladas em forma de canudo” (p.187).

Através de personagens como Garcia ou Mangori, conhecemos os *taxauás*, líderes tribais; os velhos *pagés*, feiticeiros que tratavam maleitas com produtos da selva; as danças de luta e morte executadas envergando *acanitarras* e empunhando “arcos e flechas” (p.70); e também que a tribo se dividia em várias *malocas*, aldeia discordantes entre si quanto à adesão dos pacificadores. A narrativa vai-se enriquecendo com outros hábitos indígenas em estreita ligação com a Natureza: “Nas malocas, com a caça e a pesca, sustentam os filhos” (p.50); abrigam-se nos *tapiris*, de tetos de palha, sustentados por “esteios e varas” (p.84); circulam em *igaras*, “pirogas que eles, bons cirurgiões dos vegetais, obtinham cosendo, com cipó, as cascas flexíveis e grossas de certas grandes árvores.” (p.86)

Este esboço etnográfico dos indígenas, retratados na complexidade da sua cultura, configura o “indigenismo” de que fala Anselmo (2005), termo que compara a “indianismo”, usado quando os nativos surgem na literatura sob o prisma romântico do “bom selvagem”. Para este autor, na obra castriana é difícil separar as duas perspetivas. Essa opinião ganha força no romance aqui em análise, porém menos em *A Selva* (1930): apenas *O Instinto Supremo* transmite uma visão não dicotómica nem esquemática da mítica inclemência dos Parintintins.

4. O papel do clima amazónico na ameaça parintintim

A evolução da narrativa obedece a uma matriz predominantemente espacial, com a carga dramática a intensificar-se à medida que narrador, personagens e leitor vão entrando por via fluvial nas profundezas da selva indígena, deixando atrás a Amazónia “civilizada”.

O espaço de efabulação aproxima-se muito do real e a ação progride em

⁷ Para mais informação sobre os Parintintins, consultar, p. ex., “Como foi amansado o tudesco Kurt Unker, vulgo Nimuendajú, natural de Iena” (2002), de Bernard Emery, na *Castriana* n.º 1, ou *Acervo Digital da Cultura Parintintim do Amazonas* (2013) de Flávio Silva.

sucessivos cenários, desenhando um gradiente civilizacional (Fig. 1): começa na urbe Manaus, capital do Estado, ribeirinha ao Amazonas, onde fica a sede do Serviço de Proteção dos Índios e de onde partem os mentores da pacificação; continua com os preparativos da expedição no Seringal Três Casas, marginal ao Rio Madeira, cujo dono,

Manuel Lobo, é adepto das ideias pacifistas; prossegue até à aldeia aliada mura-piraá, a uma semana de viagem, na orla do Maici, afluente daquele; e termina no acampamento, a vários dias de viagem ao longo do rio Maici-Mirim, junto à foz do Igarapé Nove de Janeiro. Neste ponto, fronteira de uma região que em 1981 viria a ser batizada como Estado da Rondônia, decorre a ação central, marcada pela perseverança dos brancos em obter a confiança dos índios. O desfecho sugere a consolidação do estado de paz, a breve prazo, na aldeia parintintim, ainda mais embrenhada na mata (Fig. 1).

As frequentes menções ao clima amazónico surgem para teatralizar a ação e enraizar no meio selvático personagens e acontecimentos. O clima, fator ambiental abiótico fortemente determinante das características naturais de um lugar e da atividade humana que aí ocorre, seria inevitável num texto realista como este.

Na cena de abertura, marcada por um tom de permanente expectativa que contagia o leitor, os homens desembarcam silenciosamente sobre a terra pantanosa, já em nação parintintim, a coberto da “Noite tropical, embora de estrelas acesas” (p.21). Aí abrem a clareira para o futuro posto avançado da missão, e saem antes do nascer do sol, um sol “apressado, teatralmente rápido [...], como acontece sempre nos trópicos”, que anuncia o perigo de ataque indígena. O silvo metálico do subchefe Amaro na “madrugada quente” força uma retirada descrita com apelo ao sentido da visão: “As canoas, que haviam chegado com movimentos sigilosos, como para um assalto, partiam agora com um nervosismo de fuga, sob aquela tira de céu [...]. Pouco depois o sol rompia,

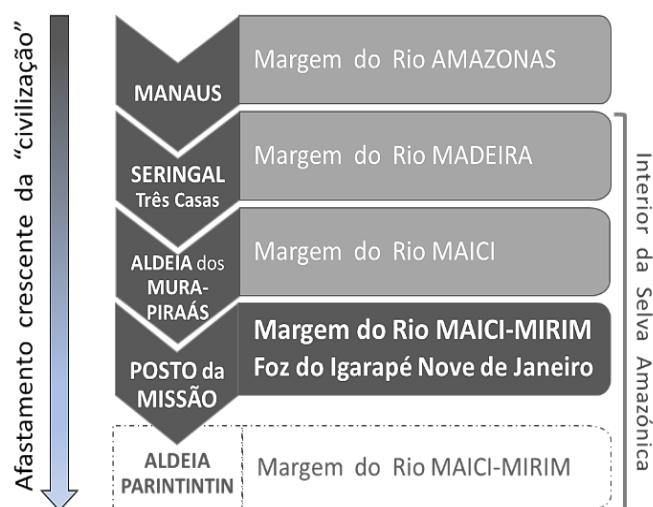
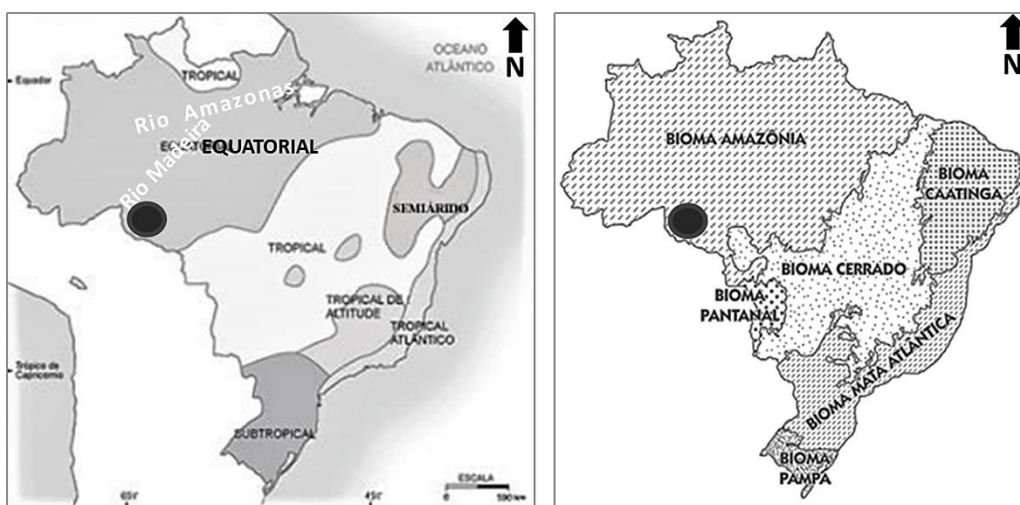


Fig. 1. Cenários da ação de *O Instinto Supremo* e seu afastamento progressivo relativamente ao meio “civilizado”.

amarelo como uma grande gema de ovo. A sua luz horizontal doirava de súbito as cristas da brenha” (p.24).

Mas não são a temperatura noturna, a humidade atmosférica e a luminosidade solar o principal do tópicos climáticos do romance. Na Amazônia, o Clima Equatorial Húmido influencia diretamente a vegetação e a dinâmica de todo o sistema hídrico. A Fig. 2a) mostra essa zona climática, que inclui a região cenário de *O Instinto Supremo*, no mapa dos cinco grandes climas do Brasil. É um regime com baixa amplitude térmica anual, uma precipitação média anual de 2300 mm



Figs. 2. a) Zonas climáticas do Brasil, com o Clima Equatorial Húmido, no noroeste; localização dos rios Amazonas e Madeira e localização aproximada do cenário da ação central. b) Biomas continentais do Brasil, com o “Bioma Amazônia”.

Fonte: Adpt. de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/20644-clima.html>

(Marengo & Valverde, 2007) e duas estações: a das chuvas, entre Dezembro e Maio, quando a humidade do ar pode chegar aos 88% e a temperatura média é de 26°C, e uma curta estação seca, de Julho a Setembro com uma média térmica de 28°C e níveis de humidade perto dos 77%⁸. O quadro climático atual na Amazônia Sul não sofreu alterações pluviométricas significativas desde o tempo da ação (*op. cit.*). Tal regime impõe uma alternância de enchentes e vazantes, resultado do aumento e diminuição dos caudais dos rios, por sua vez fruto das variações de precipitação.

Ferreira de Castro refere as estações do ano logo no Capítulo II, ao descrever um barranco à entrada do seringal Três Casas como “uma escalavrada ingremidade a que as águas, nos meses pluviosos em que elas se mostram tanto mais famintas

⁸ Fonte: Instituto Português de Geografia e Estatística <https://www.ibge.gov.br/>.

quanto mais gordas andam, todos os anos devoravam um pouco.” (p. 29).

À alternância do volume das águas da selva estão intimamente ligados os fenómenos hídricos *igapó* e *igarapé*, mencionados com frequência. Um artigo de Letícia na *Castriana* n.º 2 (2004:36) parte do destaque dado ao “rio encarcerado” em *A Selva* (1930) para fornecer uma ideia orgânica do quadro climático e hídrico da média bacia do Madeira – o rio de “amplidão quase a desafiar a do Amazonas” (p.50). Letícia descreve os igapós no Verão como “águas apodrecidas”, de “ar parado”, “prisioneiros da selva desde a época da última enchente”, que no Inverno “ressuscita[m] com a enchente, perde[m] a sua cor escura e expande[m]-se por toda a parte. Os tremedais tornam-se campos de excursão para peixes, os lagos perdem os respetivos contornos, as árvores sofrem os assaltos das águas” (*op. cit.*).

No romance, o igapó é “aquela água estagnada desde a grande cheia anual, expondo-se soturnamente por entre os pés das árvores como um rio largo saído do leito e agora morto, com folhas secas e gravetos boiando, muito estáticos, na sua negra superfície” (p.104). Os igarapés, por seu lado, são longos braços de um rio típicos da bacia amazónica, estreitos e pouco profundos: “No vale do Madeira, a enchente do rio é o sinal infalível da mudança: as cachoeiras animam-se e entram na festa, as correntes dos igarapés sopram uma vida nova” (Letícia, 2004:37).

Os povos e trabalhadores da selva eram muito vulneráveis a estas oscilações sazonais, quer do ponto de vista económico, não explorado nesta narrativa, quer pela importância vital na sua segurança física. De facto, o avanço e recuo da água exerciam um efeito direto sobre a ameaça dos Parintintins. Voltamos a Letícia (pp. 37-39):

Os seringueiros não podiam trabalhar nas estradas da borracha, pois tudo à sua volta se transformava em lama, poças de água ou pantanal. [...] O que lhes valia era a paz absoluta na frente dos ataques dos indígenas. Os índios Parintintins [...] não tinham nenhum transporte no inverno e eram forçados a ficar nas respetivas malocas. Assim, os trabalhadores do látex podiam dormir sossegados, sem temer a morte na curva da estrada da borracha ou a flecha envenenada [...].

Esta paz perdia-se quando as chuvas abrandavam: “Nos seringais do Madeira sabia-se, porém, que os índios Parintintim iriam de novo abandonar a maloca tribal e correr todos os varadouros da selva, desafiando os seringueiros indefesos [...]. Em certas praias, onde abundavam as tartarugas, até os caboclos

mariscadores podiam ser atacados pelos indígenas” (p.40). Ao narrador de *O Instinto Supremo* não passa despercebida esta dinâmica: os índios assaltavam “nos períodos estivais, justamente quando o chão se despia da sua capa de água e os seringueiros careciam de veredas sem estrepes, de grupos arbóreos que não disparassem flechas” (p.36). Também Eleutério, antes de se arriscar pelos campos parintintins e pagar com a vida essa ousadia, recorda a Genaro que o posto só voltaria a ser atacado “quando as águas baixa[ss]em muito e os varadouros estive[ss]em secos... [...] Para eles [os Parintintins] fugirem mais depressa...” (p.122).

5. Os rios e a vegetação

O cenário de *O Instinto Supremo* situa-se na metade sul da área ecologicamente classificada como “Bioma Amazônia”⁹, um dos seis grandes biomas continentais do Brasil (Fig. 2 b). Correspondendo sensivelmente à zona climática equatorial húmida, ocupa mais de 49.5% do território brasileiro, e serve de habitat a 30 mil espécies botânicas, 2500 das quais espécies arbóreas¹⁰. Este bioma influencia diretamente o regime de chuvas do Brasil e da América Latina e tem sido um fundamental sorvedouro de carbono, contribuindo para o equilíbrio climático global¹¹. Compreende a maior bacia hidrográfica do mundo, a do mais extenso e caudaloso rio, o Amazonas, com cerca de 1100 afluentes e sub-afluentes.

Os igapós e igarapés do romance fazem parte deste vasto sistema hídrico, que não influía apenas na ameaça parintintim. Toda a existência da selva dependia dele. Os rios, estradas vivas de suporte às vidas ribeirinhas, hidrovias essenciais à mobilidade humana na floresta, são para as personagens veios funcionais e emocionais que cruzam o texto do início ao fim.

Como se disse, a ação apoia-se numa sucessão de quatro rios, que diminuem em magnitude à medida que ganham relevância dramática. O último e mais significativo é o Maici-Mirim, “estreito e cor de barro” (p.25), correndo entre os estados do Amazonas e atual Rondônia, nas suas “sucessivas e apertadas curvas, como se ele próprio se opusesse dessa maneira à violação da terra proibida” (p.83).

⁹ Biomas: as mais amplas comunidades vivas da Terra, definidas por um tipo predominante de vegetação climática (vegetação que se mantém relativamente estável nessas condições de clima e subsolo).

¹⁰ Fonte: IGBE e Projeto OECO. O Mapa dos Biomas do Brasil identifica seis biomas. O Amazônia representa mais de metade das florestas tropicais remanescentes e tem a maior biodiversidade numa floresta tropical no planeta, aproximadamente um quarto das espécies da Terra (WWF Brasil).

¹¹ Fonte: Projeto OECO <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28611-o-que-e-o-bioma-amazonia/>.

A temática fluvial é muito expressiva em Ferreira de Castro, por força da sua vivência amazônica e pela infância passada no vale do rio Caima (Emery, 1992; Carvalho, 2017). Nas narrativas de cenário português, há uma exaltação da beleza e da vitalidade dos rios, espaços idílicos, símbolos da liberdade e do deslumbramento de estar em natureza, em coerência com a atitude contemplativa pessoal do autor; pelo contrário, nos romances “amazônicos” predomina uma imagem dos rios e da floresta como sujeitos ameaçadores, conotados com privação da liberdade e com perigos vários. A frase que encerra o Capítulo IV de *O Instinto Supremo*, durante a navegação dos homens pelo Madeira, nos seus batelões e canoas, ilustra esta perspectiva (p.54): “O rio continuava num abandono medonho, como se atravessasse o Mundo no seu começo, com a mesma fisionomia solitária, ilusoriamente repetida até à saturação, até à loucura, embora no emaranhado ribeirinho não existisse um só palmo igual.”

No romance, o rio é sempre caminho de acesso amedrontado ou de fuga, palco de um qualquer drama. O *incipit* noturno enche-se do chapejar baixo dos remos, com as canoas acercando-se furtivamente da margem. Esse efeito sonoro regressa mais adiante – “E de novo se sentiu o rumor, muito distinto, dos remos e da água no meio do silêncio dos homens” (p.78) – marcando de novo uma difusa tensão associada às águas. E junto ao Maici-Mirim, por exemplo, uma cena memorável mostra os companheiros de Eleutério resgatando o seu corpo decapitado, não sem antes devolverem ao rio três peixes que agonizam em terra. É um momento quase filosófico, onde o horror da morte humana se relativiza num gesto compassivo para com outras formas de vida da selva.

Este fascínio do autor pelos cursos de água superficiais, refletido na escrita, só encontra paralelo no deslumbre pela componente florística arbórea. Em *O Instinto Supremo* o rio é sempre indissociável da floresta: o local escolhido para erguer o acampamento é um promontório “entre selvas e rios” (p.27); num ataque indígena mortífero, “Os bichos estavam nos esperando mais abaixo escondidos no mato, à beira do rio.” (pp.37-38); e os batelões “Navegavam sempre com a mesma cadência, hora após hora, naquela longa veia da floresta, tendo o sol, já alto, a infiltrar-se pelo verde-escuro das árvores” (p.79).

De entre as componentes paisagísticas, apenas estas duas – vegetação arbórea e cursos de água superficial – se aproximam do estatuto de personagem, embora sem a magnitude que adquirem em *A Selva* (1930). Repare-se como é descrita a iminência de um novo ataque parintintim (pp.142-143):

Dir-se-ia um parto mitológico da floresta. De arcos em riste, brotavam de dentro da folhagem, rápidos, simultâneos, vociferantes, cercando instantaneamente o acampamento. [...]. Os seus brados de guerra, vibrantes de antigas cóleras remoçadas, de ressentimentos nunca de todo desforrados, entrecruzavam-se, lançavam furibundos ecos rio além, galvanizando de repente a tranquilidade da manhã.

A exuberância natural junta-se à dicotomia guerra/paz para dar forma ao romance. No já citado momento noturno de abertura, os homens acostam à margem do Maici-Mirim e avançam na “terra que trepava do rio para a floresta” até depararem com uma “enorme parede vegetal” (p.21). É a primeira imagem da mata amazónica em *O Instinto Supremo*:

[...] os seus focos inquiridores foram riscando o grande emaranhado, onde os grossos fios de lianas cosiam, uns aos outros, arbustos, plantas e árvores e os velhos troncos de pele esbranquiçada pareciam, quando a luz por eles subia, a modo de réptil transparente, de contornos imprecisos, querer assustar os homens com a lividez de cadáver que a sua casca, de súbito, tomava.

A cena nada informa sobre a identidade e missão dos seus protagonistas. Apenas no Capítulo III o leitor percebe tratar-se dos homens de Rondon, arriscando a vida com o fim nobre de abrirem a clareira onde mais tarde nascerá o posto pacificador. São, porém, apresentados como “algozes”, “bando de demónios” (pp. 22 e 25), num muito castriano recurso literário que favorece um ponto de vista que não é o deles mas sim o dos povos índios, ignorantes da causa pacifista e rápidos a defender o património natural da sua nação.

O Capítulo I é preenchido com este ataque furtivo às árvores. A árvore, constituinte magno da floresta, é um elemento basilar quer nas memórias afetivas quer no imaginário literário de Ferreira de Castro (Carvalho, 2017). Franco (1988) interpreta mesmo os dinamismo, expansão e renovação da árvore como imagem da vida do próprio escritor. Naquela cena, a voz de comando de Amaro dita a “alegoria de desvario” (p.22) dos machados: “as árvores maiores caíam desamparadamente. E o estrondo que lançavam na noite de fábula dir-se-ia encarrascar-se antes de se repercutir, já desdobrado em sucessivas ondas, mata adentro e pelos meandros do rio, de forma lenta e medonha” (pp.23-24). É o apelo auditivo, mesclado com o efeito visual das lanternas. Se em *A Selva* impera a luminosidade, em *O Instinto Supremo* são as imagens sonoras que mais exprimem o realismo do texto.

À voragem das derrubadas junta-se o fogo: “E enquanto uns despediam furiosamente os seus machados contra as árvores sobreviventes, [...] outros iam regando a querosene, esvaziando latas após latas, tudo o que haviam prostrado durante a arremetida anterior”. E mais adiante: “Perto, as últimas árvores condenadas principiavam a cair, sobressaltando a noite. Mas o relógio não chegara ainda às duas horas quando a floresta estremeceu pela derradeira vez com os estrondos de ecos longos e pânticos!” (pp. 25 e 26). Termina assim o Capítulo I, marcado por valores em confronto: a integridade vegetal da floresta e o objetivo dos pacificadores.

Lida esta cena à luz da atualidade, poderíamos tomar o grupo por madeireiros sem escrúpulos, ou por detentores dos chamados “agronegócios”, que desde há décadas vêm sacrificando a natureza e os povos da Amazônia brasileira. Recorde-se que o desmatamento passou de 1% da sua área, até 1970, para os atuais 18%. Entre Agosto de 2019 e Julho de 2020 mais de 9 mil Km² da Amazônia foram desmatados, o valor mais alto desde 2008¹².

Mas existe na escrita castriana o reverso desta medalha: o meio florestal, além de vítima da ação humana, é ele próprio agente opressor. Aliás, a floresta amazónica é praticamente a única parcela da Natureza a que o escritor se refere com negativismo em vários textos e declarações, devido à sensação de ameaça que ela lhe incutia (Carvalho, 2017). Não existem notas de humor nem otimismo nos exemplos deste romance: ao descer o Maici-Mirim, a expedição avista a sepultura de um companheiro morto pelos Parintintins, cercada pela “vitalidade de uma natureza alucinada” (p.84); Curt e três homens “Aprofundam-se na brenha”, num ambiente de “extrema solidão; árvores e arbustos e, aqui e além, réstias de sol escorrendo preguiçosamente pelos fustes” (pp. 93 e 94); e nos dias a fio em que aguardavam pelos indígenas, os homens viam-se num “cárcere vegetal”, sob “um tédio mole e verde como os limos” (p.137).

Mais do que isso, a floresta era “território onde a morte, vermelha e nua, se escondia atrás das árvores” (p.32), simultaneamente abrigo e cúmplice do perigo maior. Os Parintintins movimentavam-se “com arcos e flechas deslizando entre as árvores” (p.224); na primeira arremetida contra o posto, “uma bárbara gritaria saída de bocas que ninguém enxergava, onde o ódio parecia alternar com o regozijo, soou na orla da floresta, perto dali.” (p. 96).

Tal como para os rios, o autor permite-se apenas curtos desvios para descrições mais luminosas, como esta, da página 87:

¹² Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais brasileiro (INPE) e *Jornal da Universidade de S. Paulo*: <https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>

Declinando sobre a floresta, o Sol deixara de se ver. E nessa tremenda soledade da terra [...], dir-se-ia que a Natureza se sujeitava agora a uma rendição abstrusa, passiva, de todo alheia às cambiantes que ia sofrendo com a luz; mas sobre ela parecia baixar, vindo dos tormentos iniciais do Universo, uma poesia épica, soturna e densa, que aguardaria apenas a hora para poder exprimir o inefável [...].

6. Síntese e considerações finais

Após uma experiência amazónica da qual não sairia incólume, Ferreira de Castro guardou para sempre, no seu espírito e na sua escrita, os índios e os caboclos amazónicos. Em *O Instinto Supremo*, a visão universalista e de louvor à convivência pacífica entre povos fica bem selada com o papel do índio “civilizado” Mandori no êxito da missão. Guiado pela hipótese de Nimuendajú de que o dialeto parintintim seria uma mistura de tupi puro e guarani, este tradutor viabiliza uma comunicação frutífera e vital entre os enviados do Cândido Rondon e os indígenas hostis. No último capítulo, uma frase coroa o longo caminho para a pacificação: “Não é nas guerras, é na solidariedade, que o homem se supera a si próprio.” (p.235).

A narrativa termina num abraço interétnico, ao som do maxixe e de modinhas populares – uma atmosfera de decompressão e dever cumprido que faz eco dos conhecidos otimismo e filosofia de esperança castrianos.

A presente ecoanálise partiu da hipótese de que este romance de tese – no sentido em que coloca ao leitor uma questão cara ao escritor – transmite em pano de fundo uma imagem realista do cenário natural amazónico, enquanto suporte da vida humana na selva na década de 1920. Não deteta uma “mensagem” do autor, no sentido intencional do termo, mas sim um discurso literário rico em conteúdos ambientais, periférico à história, que lhe confere fidedignidade e espessura.

A dimensão geográfica sobrepõe-se à temporal. O Clima Equatorial amazónico, a vegetação florestal e o complexo sistema hídrico que permeia a selva compõem o habitat de indígenas e caboclos, onde os seringueiros são intrusos e por isso alvo da cólera parintintin. O clima manifesta-se principalmente na variável pluviosidade, cuja repartição desigual pelas duas estações do ano dita o alagamento ou o recuo das águas interiores e influencia diretamente a mobilidade dos indígenas, fazendo da sua perigosidade um fator sazonal.

O coberto vegetal surge como cúmplice das investidas parintintins, servindo-lhes de abrigo e jogando contra a segurança dos pacificadores. Não existe ameaça parintintim sem floresta cerrada e sem rios, é a Natureza que dá

sentido ao drama nuclear. Mas, por outro lado, da floresta é dada uma imagem que o tempo transformou numa acesa questão ecológica: os meios antrópicos de desflorestação, que neste século XXI atingem proporções catastróficas na Amazônia e outras regiões do planeta – abates e fogo – são retratados pelo autor com alguma tolerância, por servirem a causa pacifista.

Menos pacífica é a efabulação da natureza neste romance, seja qual for o ângulo pelo qual se observe. Extremos climáticos, igapós, emaranhados vegetais, indígenas rebeldes formam o arsenal de uma Natureza ameaçadora e opressiva, num retrato que tem muito de emotivo e muito pouco de cientificamente informativo.

No entanto, *O Instinto Supremo* pode trazer aos leitores de hoje um contributo para a história da Ecologia Humana daquele lugar, seja na vertente das relações entre nativos e estrangeiros, seja no papel exercido por estes nas primeiras agressões à integridade da selva amazónica.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ricardo. (1996). “A Unidade Fragmentada”. *Vária Escrita*, 3: 137-256
- AMORIM, António (1998). *Ferreira de Castro e a Amazônia ou A Atracção do Abismo*. Oliveira de Azeméis: Caima Press Edições.
- ANSELMO, Artur (2005). Aspectos do Indianismo na obra de Ferreira de Castro. In *Actas do Congresso dos 75 anos de A Selva* (pp.143-156). Oliveira de Azeméis: Centro de Estudos Ferreira de Castro.
- ARMBRUSTER, Karla & WALLACE, Kathleen (eds.) (2001). *Beyond Nature Writing*. Charlottesville e London: The University Press of Virginia.
- CARVALHO, Ana Cristina (2017). *Terra Nativa – Natureza e Paisagem Humanizada em Ferreira de Castro*. Oliveira de Azeméis: Centro de Estudos Ferreira de Castro.
- EMERY, Bernard (1992). *L’Humanisme Luso-tropical selon José Maria Ferreira de Castro*. Grenoble: Ed. Ellug e Université Stendhall.
- FERREIRA DE CASTRO (1930). *A Selva*. 41.ª ed. (2009). Lisboa: Livraria Editora Guimarães.
- FRANCO, António C. (1988). O Significado da selva na obra de Ferreira de Castro. *Colóquio-Letras*, 104-105: 62-69.
- GONDIM, Neide (2005). A contribuição Portuguesa para a Literatura do Amazonas. In *Actas do Congresso dos 75 anos de A Selva* (pp.143-156). Oliveira de Azeméis: Centro de Estudos Ferreira de Castro.
- LETÍZIA, Eva (2004). José Maria Ferreira de Castro, uma vivência de emigrante nas terras do Brasil. *Castriana*, 2: 5-54.
- MARENGO, José & VALVERDE, Maria (2007). Caracterização do clima no Século XX e Cenário de Mudanças de clima para o Brasil no Século XXI usando os modelos do IPCC-AR4. *Revista Multiciência* 8: 5-28. Online:

https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wp-content/uploads/sites/36/2014/05/marengo_valverde_carcterizacao_2007.pdf.

TAVARES RODRIGUES, U. (1998). O Homem irmão do Homem. *Língua e Cultura*, 7 e 8: 81-82.

TUPIASSÚ, Amarílis (2005). Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Estudos Avançados* 53 (19): Online: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100019

Webgrafia

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <https://www.ibge.gov.br/>.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – Missão Amazônia:

<http://www.inpe.br/amazonia1/amazonia.php>.

Projeto OEco Brasil: <https://www.oeco.org.br/apoie-o-eco/>.

WWF Brasil: <https://www.wwf.org.br/>.

